

CARTA PELA RESILIÊNCIA E AÇÃO CLIMÁTICA

Da emergência à transformação: um compromisso com um futuro resiliente para o Rio Grande do Sul

Semana de Ação Climática de Porto Alegre 2026

Os eventos climáticos extremos que atingiram Porto Alegre e o Rio Grande do Sul nos últimos anos, e de maneira especialmente devastadora em 2024, estabeleceram um marco incontornável em nossa história. As perdas humanas, sociais, ambientais, econômicas e territoriais evidenciaram que a crise climática não pertence a um futuro distante. Ela já transforma nossas cidades, nossas comunidades, nossa economia e a vida cotidiana de milhares de pessoas.

Diante dessa realidade, não é mais suficiente responder às emergências à medida que elas acontecem. Precisamos transformar a experiência vivida em aprendizado, o aprendizado em planejamento e o planejamento em ação.

As discussões realizadas durante a Semana de Ação Climática de Porto Alegre apontam para uma convicção comum: reconstruir não pode significar simplesmente retornar ao que existia antes. É necessário reconstruir melhor, preparar nossos territórios para uma nova realidade climática e reduzir as vulnerabilidades que fazem com que eventos extremos se transformem em desastres.

Essa transformação exige uma mudança de paradigma.

A partir das reflexões e experiências compartilhadas durante a Semana de Ação Climática de Porto Alegre, afirmamos como prioridades:

1. Transformar a adaptação e a resiliência climática em políticas permanentes de Estado, garantindo continuidade para além dos ciclos eleitorais.
2. Fortalecer uma governança climática integrada, com coordenação entre municípios, Estado, União e sociedade, especialmente nas escalas metropolitana, regional e das bacias hidrográficas.
3. Migrar progressivamente de uma cultura de resposta aos desastres para uma cultura permanente de gestão de riscos, prevenção e preparação.
4. Integrar ciência, dados e conhecimento técnico aos processos de decisão pública, fortalecendo sistemas confiáveis de monitoramento, alerta e informação.
5. Ampliar a capacidade técnica dos municípios para estruturar, financiar, executar e monitorar projetos de adaptação e resiliência.

6. Garantir que os investimentos em infraestrutura considerem cenários climáticos futuros e incluam recursos e modelos de governança para sua operação e manutenção.

7. Integrar soluções baseadas na natureza às estratégias de infraestrutura e planejamento territorial.

8. Atualizar instrumentos de planejamento urbano e territorial para incorporar os riscos climáticos e orientar a ocupação segura e sustentável dos territórios.

9. Fortalecer planos de contingência efetivos, testados e conhecidos pelas instituições e comunidades.

10. Promover educação climática e uma cultura coletiva de percepção de riscos, começando pelas escolas e alcançando toda a sociedade.

11. Reconhecer a dimensão humana e psicossocial dos desastres e garantir que a recuperação considere seus efeitos de longo prazo.

12. Priorizar populações e territórios mais vulneráveis, incorporando a justiça climática como princípio das políticas de adaptação.

13. Fortalecer a participação comunitária na identificação dos riscos e na construção das soluções.

14. Preservar a memória dos eventos extremos e transformar as lições aprendidas em capacidade permanente de preparação.

15. Criar mecanismos de acompanhamento, transparência e avaliação que permitam à sociedade conhecer os avanços, os investimentos realizados, os compromissos assumidos e os resultados alcançados.

O Rio Grande do Sul viveu uma experiência que jamais poderá ser apagada de sua história.

Mas a memória dessa experiência precisa produzir transformação.

A reconstrução que fazemos hoje determinará a vulnerabilidade ou a resiliência das próximas gerações.

Temos diante de nós a oportunidade de construir uma nova relação entre nossas cidades, nossos rios, nossos ecossistemas e nossas comunidades.

Uma relação baseada não na falsa expectativa de controlar completamente a natureza, mas na capacidade de compreender os riscos, antecipar impactos,

proteger vidas e adaptar nossos territórios.

O conhecimento existe.

Os recursos existem.

As experiências existem.

As capacidades existem.

O desafio agora é conectá-los.

Que a experiência vivida pelo Rio Grande do Sul nos ensine que não podemos esperar o próximo desastre para agir.

Que a cooperação construída durante a emergência permaneça quando o céu voltar a ficar azul.

Que a ciência encontre caminhos até a decisão pública.

Que os recursos encontrem projetos capazes de transformar territórios.

Que as políticas sobrevivam às mudanças de governo.

Que as comunidades tenham voz na construção de seu futuro.

E que a reconstrução do Rio Grande do Sul não seja apenas a recuperação daquilo que perdemos, mas o início da construção do território resiliente que precisamos ser.

A crise climática já mudou o nosso presente.

Cabe a nós decidir como construiremos o nosso futuro.

Porto Alegre/RS, 22 de julho de 2026.